

A TESTEMUNHA DO OUTRO SEXO: RELAÇÕES DE GÊNERO NO RELATO DE SI E NA HISTÓRIA

THE WITNESS OF THE OTHER SEX: GENDER RELATIONS IN THE SELF-REPORT AND IN THE HISTORY



Andréa Bandeira¹

Resumo

A experiência da “(re)ressignificação” é debate entre estudiosos/as na lida com fontes e usos de relatos de si. Este artigo avança no debate existente para pensar a memória e o “se contar”, a experiência em si no passado e a (re)ressignificação em tempos de revisitação e transição metodológica, quando as novas fronteiras do objeto são: os avanços dos movimentos de mulheres *empoderadas* do meio conservador do masculino hegemônico; o palco do Golpe de 1964 narrado pelos vencidos, e o quadro conceitual do feminismo de(s)colonial. Afirma-se: a memória tem sexo; o sexo da memória é o sexo socialmente dominante; o “se contar” da feminina é amalgamado pelo discurso dominante, e pensar gênero é pensar a capacidade da feminina em superar as dicotomias em si e na narrativa. Retomam-se obras clássicas da Memória e da História; apoia-se em C. Guillaumin, H. Saffioti, M. Rago, P. Tabet e María Lugones; confrontam-se a episteme feminista de Gênero com o pensamento binário para se concluir com a análise da oralidade da entrevistada, Nida, como gosta de se chamar.

Palavras-chave: Gênero e Descolonialidade; Memória e História; História das Mulheres.

Abstract

The experience of “(re)resignification” is a debate among scholars dealing with sources and uses of self-reports. This article advances the existing debate to think about memory and “to tell”, the experience itself in the past and the (re)resignification in times of revisiting and methodological transition, when the new frontiers of the object are: the advances of the movements of empowered women from the conservative milieu of the hegemonic masculine; the stage of the 1964 coup narrated by the defeated, and the conceptual framework of colonial feminism. It is said: memory has sex; the memory sex is the socially dominant sex; the “recounting” of the feminine is amalgamated by the dominant discourse, and to think of gender is to think of the feminine's capacity to overcome dichotomies in themselves and in the narrative. Classic works of Memory and History are taken up; it is supported by C. Guillaumin, H. Saffioti, M. Rago, P. Tabet and María Lugones;

¹ Professora Adjunta na Universidade de Pernambuco E-mail: andrea.bandeira@upe.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6933616999108163>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2958-1203>.



The feminist episteme of Gender is confronted with binary thinking to conclude with the analysis of the interviewee's orality, Nida, as she likes to call herself.

Keywords: Gender and Decoloniality; Memory and History; Women's History.

Sobre a experiência feminina do “relato de si”

Este artigo parte do pressuposto de que os argumentos apresentados em *O “eu-herói” versus o “outro-herói”: o gênero da memória e da história*² permanecem válidas e objetiva confirmá-las com a análise do excerto de uma das entrevistas diretas feita para a pesquisa de tese e narrativa histórica encontrada em *Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960*³.

Escolheu-se analisar o relato de si de Nida⁴. Ela integra o elenco de sujeitas históricas, um grupo de militantes políticas na cidade do Recife, nos anos 1960⁵, que resistiram ao Golpe empresarial-militar⁶ e à ditadura implantada.

Entende-se que essas mulheres unidas na longa narrativa, guardam memórias em comum que transformaram suas vidas em história, quando se parte do pressuposto de que o fio condutor dessa ciência do acontecido é um evento coletivo. Coletivo porque tecido social e porque urdido no pensamento social, um fato de muitos fatos que se pode contar porque se pode alcançar, mesmo quando o tempo passou, e construir sentido social no presente. Separadas, cada uma delas, são vidas tecidas no tempo e no espaço da memória; cada qual cumprindo o seu papel de indivíduo na história.

² BANDEIRA, Andréa. “O ‘eu-herói’ versus o ‘outro-herói’: o gênero da memória e da história”. *Historien Revista Acadêmica*, n 7, ano IV, mai-nov.2012, pp. 165-191, *passim*.

³ BANDEIRA, Andréa. *Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960*. Tese de Doutorado. História. Salvador: UFBA, 2012b.

⁴ Neste artigo, usarei apenas o apelido da entrevistada, Nida, em razão de ser uma crítica historiográfica, que não fazia parte da motivação da entrevista e em respeito à sua memória cedida. Optarei, inclusive, sempre que possível, por construir a narrativa a partir da montagem da oralidade, mais do que usar a transcrição direta. Para conhecer Nida e as outras entrevistadas, indico a leitura da tese *Resistência cor-de-rosa-choque*, *op.cit*.

⁵ Nida integra o elenco de militantes políticas que cederam entrevistas diretas para a pesquisa de tese desta autora, já citada, e outras fontes de oralidades usadas são dos projetos *Preservação da memória dos presos políticos e anistiados da ditadura militar de 1964* e *História oral do movimento político-militar de 1964 no Nordeste*, Centro de Documentação e Estudos da História Brasileira (CEHIBRA), coordenados por Eliane Moury Fernandes, da Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAJ).

⁶ A revisão historiográfica propõe que explicitemos os setores sociais que participaram ativamente do golpe. Ao usar o termo “civil”, dividimos a responsabilidade direta com todos setores que foram vítimas do golpe.



Ao exercerem o ato do “se contar”, ultrapassaram o ideal patriarcal e transitaram do mundo do privado, onde impera a necessidade e o anonimato⁷, e moveram as teias de poder que as separavam do mundo do público, do reino da liberdade e da igualdade conquistado pelo verbo em ação: “A linguagem e o discurso são instrumentos fundamentais por meio dos quais as representações sociais são formuladas, veiculadas, assimiladas, e de que o real-social é construído discursivamente”.⁸ Ao fazerem os relatos de si, essas mulheres deixam pistas que se transformam em caminhos para a história.

Ao se contarem, deixam “sinais” de si e do mundo nos detalhes das suas falas, “falhas da memória”, que nos remetem ao tempo e ao lugar “do fato” em que se inserem. Elas participam de uma roda em que a memória que se guarda e se utiliza é ela mesma um produto social, pensado quando um modo de pensamento possibilita realizá-lo. A memória se apresenta como um *déjà vu* de uma experiência atravessada de vida pessoal e social e contém todos os elementos do presente que liberam a lembrança. Esta lembrança se eterniza nos vestígios e se atualiza no processo do conflito, permitindo as revisitações. O tempo da história é construído na linguagem e no discurso de que há uma memória comum e hegemônica do passado que foi fixado, transformado em realidade e em fonte e é, ao mesmo tempo, tempo presente.

Nota-se, ainda, uma estrutura intrínseca a toda narrativa eivada de esquecimento e subjetividade⁹. O que se busca é uma positividade dessa

⁷ “Escrever [...] é inscrever-se, e fazer existir publicamente, o que no caso das mulheres assume uma grande importância, já que o anonimato caracterizou a condição feminina”. RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas, SP: UNICAMP, 2013, p. 32.

⁸ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 30.

⁹ “Compreender que esse sistema de imagens, e representações dos signos compõe o pensamento da Lógica discursiva da identidade social dominante é fundamental para que os feminismos possam transformá-los e abrir novas possibilidades de ser. Se entendermos que os feminismos abrem outras possibilidades de subjetivação e de assistência para as mulheres, é necessário que levemos em conta a linguagem e o discurso, meios pelos quais se organizam a dominação cultural e a resistência. Não se trata de negar a ‘realidade’ e a ‘experiência’, reduzindo-as à resistência linguística, em ação social, ao determinar a ‘morte do sujeito’, como atacam os críticos do pós-estruturalismo, mas de desconstruir essas noções consideradas pré-discursivas, apontando para a sua historicidade [...], em relação à noção de experiência. [...] a experiência, portanto, deixa de ser vista como autenticidade do vivido, como evidência em si mesma, assim como o discurso deixa de ser considerado como mera abstração conceitual, reflexo da realidade, a partir de uma oposição binária que hierarquiza teoria e prática”. RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*, p. 31.



subjetividade feita de esquecimento do indivíduo social, em função dos paradigmas propostos pelo pensamento feminista que possibilitam a emersão das contradições, das dicotomias e da naturalização dos lugares de poder, bem como de quem os ocupam. Assim, ressaltar o conflito das relações de classe, sexo-gênero, geração, raça para superá-los.

Esta estrutura também pode ser observada nas narrativas de memória, porque estas carregam memórias de narrativas. Ou seja, na oralidade se constrói uma memória contada, utilizando-se um modelo apreendido; formatos de construção de memória estão na base da construção oral da memória e concorda-se que é possível perceber um *modus* de lembrar próprio da experiência das mulheres militantes, que permeia as suas narrativas de memória, dialogam com os seus passados e com os seus presentes das entrevistas. Um discurso que fala do “eu”, do “eu” que se lembra, das circunstâncias do “eu” e das circunstâncias do “outro”. Um diálogo que resulta dos conflitos e das “relutâncias”.

O impacto das fronteiras que cercam o objeto participa da memória e dos deslocamentos da memória. A memória é múltipla porque se faz na experiência, no “ser-sendo-em-relação”,¹⁰ no tecido e na curvatura de estar constantemente em “performance”¹¹ com o *modus* dominante de produção de sujeito/a e sua própria existência, uma construção combinada (dialética) e desigual entre o global e o local¹² da realidade nas margens do capitalismo, possibilitada pelas “fissuras” da estrutura social colonizada e que María Lugones nomeia de “lócus fraturado”¹³. Neste sentido as fronteiras aqui observadas que marcam o contexto em que se deu o processo de

¹⁰ LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. In: *Revistas Estudos Feministas*. Florianópolis. 22(3): 320, setembro-dezembro/2014, pp 935-952, *passim*.

¹¹ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan*. Lima: Paidós, 2019.

¹² MIGNOLO, Walter D. Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 32, n. 94, 2017, pp. 1-18, *passim*.

¹³ Entendo que a experiência da colonização ainda faz sentido na realidade brasileira, principalmente, nas camadas trabalhadoras onde as mulheres elencadas para a pesquisa se “engendraram”. Por isso, os conceitos de “diferença colonial” (tomado de MIGNOLO, 2017) e “lócus fraturado” (tomado de LUGONES, 2014) podem ser adotados para explicar o lugar movediço em que a sujeita deste trabalho patina sua memória, bem como a historiadora patina a sua narrativa: “[e], desta maneira, quero pensar o/a colonizado/a tampouco como simplesmente imaginado/a e construído/a pelo colonizador e a colonialidade, de acordo com a imaginação colonial e as restrições da empreitada capitalista colonial, mas sim como um ser que comece a habitar um lócus fraturado, construído duplamente, que percebe duplamente, relacionas-te duplamente, onde os “lados” do lócus estão em tensão, e o próprio conflito informa ativamente a subjetividade do ente colonizados em relação múltipla”. LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial, p. 942.



vida de Nida, desde a sua experiência de militância até se tornar sujeita de história são os avanços dos movimentos de mulheres, empoderadas do meio conservador onde o masculino é hegemônico; o palco do Golpe de 1964, quarenta anos depois revisitado com as narrativas dos vencidos, e o quadro conceitual do feminismo de(s)colonial na conformação da análise e da reconstrução desse contexto. Tem-se uma equação de somas positivas e negativas que demonstra o conflito permanente nas relações gendradas no campo colonial e que pode resultar em desigualdade, com certeza, num espaço de possibilidades.

A experiência de historiar o “se contar”

O efeito ideológico não é, de forma alguma, uma categoria empírica autônoma, é a forma mental assumida por algumas relações sociais determinadas; o fato e o efeito ideológico são duas faces de um mesmo fenômeno. Uma Face é a relação social em que os atores estão reduzidos ao estado de unidade material apropriada [...]. A outra, a face ideológico-discursiva, é a construção mental que faz desses mesmos atores elementos da natureza: ‘coisas’ no próprio pensamento.¹⁴

Cabe analisar como essa estrutura da memória oral se apresenta, e se se apresenta como tal de forma diversa ou sobrepostas quando interferem as diferenças de poder relacionadas ao sexo-social, ao mesmo tempo em que se opera a transformação do cenário político. No Brasil dos anos 1960, as lutas feministas questionaram as relações de poder entre os sexos, colocando em cheque os valores do masculino hegemônico, acompanhando e aprofundando o processo de resistência ao golpe empresarial-militar que levou à reabertura democrática, após os 21 anos de ditadura militar, e a historiografia oficial, bem como a história revisitada quando não considera a participação ativa das mulheridades. Ao utilizar como arsenal teórico o gênero, “transversando” a História Social, adota-se o entendimento de que as mulheres e os homens, pelas suas construções sociais e de sexo-gênero¹⁵, arranjam recursos culturais diversos e deles dispõem quando se representam, se revelam e estão no mundo. O Gênero como categoria de análise se assenta na fratura ou no rearranjo da sujeita no seu ambiente histórico, nas

¹⁴ GUILLAUMIN, Colete. Prática do poder e ideia de natureza. In: FERREIRA, Verônica *et al* (Orgs.). *Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Recife: SOS Corpo, 2014, p. 31.

¹⁵ O conceito de gênero é uma categoria de análise que considera a interseccionalidade entre sexo-social, classe, raça. Este trabalho se reduz a analisar o aporte sexo-social no limite que separa a feminina do masculino na confluência da linguagem que se constrói no contexto histórico onde se funda e se afirma o discurso que reflete a política do “se contar” das “mulheres”, entendendo-as como um grupo em oposição aos “homens”.



contradições constantes que deslocam as relações de poder, na justaposição das camadas identitárias que integram o complexo individual nas suas redes sociais, observando que, no processo objetivo da vida, as subjetividades se constroem dialeticamente no mesmo movimento engrenado. As disputas, então, travam-se entre os discursos: o “direito à memória” interfere no “se contar”.

Para uma aproximação com o ambiente histórico em que se insere a experiência de vida, a mediação da memória e o relato de si de Nida, algumas visões são preciosas: sobre o século XX, Eric Hobsbawm escreveu que foi tempo interessante. Para o historiador inglês, esse século foi prematuro e prematura foi a sua morte, como se a pressa de existir mais do que a própria existência fosse o seu caráter. Eu completaria que foi um século dramático, quando a história apenas precisou repetir as muitas previsões de diferentes analistas políticos oitocentistas. A pensar como Karl Marx, foi farsante. Aos olhos de Fiódor Dostoiévski, foi estúpido. Um século inegavelmente poético nas linhas de James Joice. O mundo se debatia em contrações aceleradas e não reagia aos seus sopros iniciais de vida, demonstrou desde antes ao que tinha nascido e evaporou. Mulheres e homens pareciam acalentar sonhos fantásticos que cobravam com suas mortes. Assim eram as nações, assim eram as pessoas. E, no meio século, um jornalista olha para as mulheres que passeiam “domingamente” na Rua Nova, o *centro-chic* do Recife e declara:

Você é outra. A Sombra da que foi. Quem diria [...] o modelo-vivo-de-menina-bem-comportada, você que na opinião das mães era a essência de menina gênero bom partido, haveria algum dia de freqüentar boites de nuit, usar esses vestidos ideais para mostrar muito e esconder pouco? Sim, quem diria que você algum dia fumaria cigarros, dançaria mambo e beberia martinis [...] um novo penteado e um ar premeditado, dramático, de mulher por quem os homens se matam....

A sua inquietação lisonjeia, não fosse a sua malícia, admite apenas o que já afirmou Simone de Beauvoir em *O segundo sexo*: “o problema da mulher sempre foi um problema de homens”.¹⁶ No recorte, “Espelho das mulheres”, a boa imprensa pernambucana espalha reflexos das mudanças e permanências nas condutas aceitáveis e até as previstas desobediências femininas, porque tem consciência que

¹⁶ Simone de Beauvoir conclui ao elencar as inúmeras obras de escritores homens sobre o papel e o lugar social das mulheres, observando a importância que a sua domesticação tem no interesse do bem-estar da sociedade, e a sociedade é feita para os homens. BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 193.



o excesso de cuidado gera a inquietude e a curiosidade de quem é sempre o assunto da conversa.

Quem é o responsável pela sustentação das normas, quem é o zelador se confunde com quem é o educador e, muitas vezes, como no detalhe da escrita do *Diário*, com o comediante – misto de jornalista – sem descumprir sua “missão impossível”: alinhar as mulheres através dos discursos moralizantes. A leveza da fala não esconde o peso da crítica contundente e mordaz.

Outra conclusão da autora feminista é “toda a história das mulheres foi feita pelos homens”¹⁷, pois possuem o direito de se apoderarem delas e de suas posses. Sabe-se: “Só se pega publicamente o que nos pertence”¹⁸. As mulheres historicamente foram dominadas pelos homens para que estes pudessem se apropriar de sua prole. Nida, como outras mulheres observadas na pesquisa de tese, sentiu a sexagem¹⁹ marcada nas suas lembranças, não muito diferente entre ela e elas, nesse sentido, era quase uma e as mesmas memórias.

A recordação de Nida começa quando ela se lembra de lhe contarem e ela ver escrito num impresso oficial de cartório que nasceu em 22 de janeiro de 1945, numa cidade do agreste pernambucano. Frequentou a escola católica numa época em que a conscientização através da arte e uma onda educativa de base possibilitaram o avanço das lutas e a penetração dos ideais de justiça social, tendo como suporte os espaços de cultura popular, como palco o teatro de baixo custo e a rádio educativa, resultando na afirmação de Roberto Schwarz de que havia uma “hegemonia cultural de esquerda”.²⁰ Foram diversos os movimentos de alfabetização de adultos e adolescentes desde a Era Vargas, as escolas de catequese da Ação Católica até o revolucionário método criado por Paulo Freire, em Pernambuco.

Iniciativas amplamente aproveitadas pelas esquerdas, absorvidas e requalificados pelo povo, abraçadas por Nida. Menina crescida numa época em que

¹⁷ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*, p. 193.

¹⁸ GUILLAUMIN, Colete. *Prática do poder e ideia de natureza*, p. 28.

¹⁹ Sobre a apropriação do corpo das mulheres ver: FERREIRA, Verônica et al (Orgs.). *Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Recife: SOS Corpo, 2014, *passim*.

²⁰ RIDENTI, Marcelo. *Cultura e Política: os anos 1960-1970 e sua herança*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 143.



um sentimento de querer saber parecia ondular no horizonte de homens e mulheres, quando se deslocavam toda a vida entre os engenhos de cana, as fazendas de café e de gado, ora fugindo de uma estiagem, saindo do sertão, ora compondo com a paisagem cinza da zona da mata na entressafra, adentrando outra vez na direção do sertão, subindo e descendo os caminhos das serras no intervalo do agreste. Um sentimento carregado por Nida desde sempre, quando se lembra do **seu pai, contando** que a **primeira palavra lida** na rua foi *Fratelli Vita*, juntando as letras nas sílabas. Uma recordação tão doce quanto o refrigerante de guaraná que a gente só tomava nas festas ou num mimo merecido quando se estava doente de cama. Foi assim que **Nida entendeu** desde cedo a **importância de ler, ouvindo o pai historiar** as poucas memórias de uma juventude vivida para ser esquecida. Mas ela sabe **dele contar** que, quando saiu de um lugarejo na zona da mata pernambucana, estava andando feliz ao lado **do irmão** que veio **buscá-lo** quando ficou só, **olhando a vó de Nida sumir no trem, indo para a capital se tratar para nunca mais. Aquele irmão** mais velho que **o pai** de Nida só via de vez em quando, **em visitas ocasionais à casa da mãe**. E naquele momento **ele ia contente, sem paradeiro, seguindo o irmão** que rumava para outra freguesia em busca de apenas arranjar **uma forma de alimentar o caçula**. E seguiu assim na companhia de uma família de outros retirantes, sertanejando, subindo a serra até a cidade das sete colinas, quando **o irmão** ficou para trás, separados por causa de um ferimento na mão, acidente numa pedra dum rio, que precisava de tratamento.

Ao colocar as palavras em negrito, chama-se a atenção para a forma como se faz a memória de Nida: uma narrativa de passado no masculino, onde os homens são os protagonistas e as lembranças de outras mulheres antes dela são feitas aos pedaços, onde imperam as partidas, as distâncias e pouco ou nada mais. Memórias guardadas na mesma estrutura dos filmes que assistia no cinema, que fazia a alegria das noites da adolescente: “o que era todos os dias mesmo era o cinema”.²¹ **O pai** de Nida passava os dias na Comercial Ferreira Costa²² e as noites na bilheteria do cine, fazendo a alegria gratuita de Nida e das amigas que a acompanhavam, para verem

²¹ Neste trabalho, todas as citações diretas da entrevista, fonte desta pesquisa, serão grafadas em itálico e entre aspas. O material completo da entrevista pode ser acessado em: BANDEIRA, Andréa. *Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960, passim*.

²² Loja de comércio de ferragens, fundada em Garanhuns, em 1884, pelo português João Ferreira Costa e irmãos.



as películas e viajar nas imagens, porque com os rapazes só depois de formada no Magistério. Cada cena do longa-metragem era um pedaço de sonho que fazia a fantasia da menina-moça rodopiar. *Sissi*,²³ assistiu os três! Não perdia as séries, sempre aos domingos. Recorda as aventuras de Tarzan.²⁴ Mantinha uma agenda com os nomes dos filmes e dos atores, tudo ali “apontadinho”.

Essas aventuras românticas aparecem na forma como Nida “experimenta” e relata o encontro de seu pai com a sua mãe: foi esse **o nome que o esposo deu para Maria**, a moça que encantou a vida de Antônio e com quem iniciou uma **família com sete rebentos**, na véspera da festa de São João. Uma família que por muito tempo não tivera, quando, então, passou a **“ser dono de si”**. Da mesma forma, o registro sobre a feminina reporta ao anonimato e à puerilidade: **“Ela era apenas Maria”**, e na sua **“naturalidade cantava as marchinhas de carnaval”** que aprendera nas idas ao Recife, onde gostava de ouvir **“falar o francês”**.

A força de Seu Antônio ainda se revela na constância com que se lembra da sua importância na formação das filhas: “Adolescência era só o rádio e o cinema [...] não era só informação [...] o rádio] era **a paixão do meu pai**”. E com **o pai, Nida aprendeu** a esperar pela programação em língua latina das rádios da Europa, “Transmite Estocolmo Rádio Difusora da Suécia...”. Ela e a irmã mais velha tinham os ouvidos ligados em tudo que era notícia e entretenimento. Na cidade natal não tinha ainda o ensino público para os cursos Normal e Técnico, o que muitas vezes foi um constrangimento só, porque **o pai fazia um esforço para manter as filhas** na escola e nem sempre **as freiras** observavam. Essa nota final de Nida sobre o comportamento das freiras em relação a si é recorrente: **Tão diferente era Nida, que botava em polvorosa as freiras do Colégio das Damas.**

Um protagonismo viril que não termina na infância ou na adolescência no

²³ MARISCHKA, Ernest. *Sissi*. Áustria, 1955. O épico narra a história romântica da Princesa Sissi, que conquistou o coração do Imperador, ao qual a sua irmã Helena fora prometida. No roteiro, os dois se apaixonam e vivem o drama de um amor impossível. Os outros dois filmes da trilogia continuam a história do casal até a coroação de Sissi, Imperatriz da Áustria. Foram lançados em 1956 e 1957, mantendo os principais atores no elenco, Romy Schneider (Princesa Elizabeth da Baviera, Sissi) e Karlheinz Böhn (Imperador Francisco José I da Áustria).

²⁴ Tarzan, o Jim das Selvas, estrelado por Johnny Weissmuller, foi uma série de 16 filmes feitos para a Columbia Pictures, entre os anos de 1948 e 1955. No Brasil, nas telas do cinema, costumava passar depois do *Reporter Esso*.



seio da família. A marca do masculino atravessa a fala, materializa-se na imagem, inscreve-se na literatura e se impõe ao método científico quando as palavras se esquecem de ressaltar o papel da feminina nos fatos ou quando as palavras reforçam a transitoriedade das mulheres em alguns lugares próprios dos homens.²⁵

Por isso, a memória escolar de Nida continua quando trabalha como professora, **auxiliando** na equipe de alfabetização pelo rádio. Porque o papel ativo não lhe pertence, essa mulher falará de si sempre como a segunda: **Atuava junto com a irmã**, que começara antes nesse trabalho. A equipe não se estendia a ela, e na sua oralidade ela é sempre coadjuvante: “era um movimento coordenado pela CNBB,²⁶ [...com] características políticas [...] mas com vida própria [...] e **desenvolviam** um trabalho de educação [...] voltado para a alfabetização e consciência [das populações rurais]”.

Mesmo os homens submetidos à exploração econômica aparecem como sujeitos capazes de transformar suas vidas, porque seus corpos lhes pertencem e as palavras corroboram esse princípio fundante da sociedade patriarcal. Da mesma forma, as palavras perpetuam, na norma gramatical que generaliza o masculino, a apropriação das mulheres.²⁷ Um aspecto ressaltado da memória de Nida nos

²⁵ “Os hábitos verbais também o exprimem. A apropriação das mulheres é explícita no hábito semântico muito banal de mencionar os atores sociais mulheres prioritariamente por seu sexo (‘mulheres’, as mulheres), hábito que nos irrita muito, polissêmico sem dúvida, mas cuja significação passa justamente despercebida. Qualquer que seja o contexto, profissional, político etc., toda qualificação nesse domínio é omitida ou recusada aos atores do sexo feminino, ao passo que, é claro, essas mesmas qualificações bastão para designar os outros atores. Essas frases, cuja imprecisão [...] quando se trata de mulheres, tanto nos exaspera, não são frases equivocadas por omissão de informação. Elas são, ao contrário, em termos de informação, exatas, são fotografias das relações sociais. O que é dito, e dito unicamente a propósito dos seres humanos fêmeas, traduz a sua condição efetiva nas relações de classe: aquela de ser, em primeiro lugar e fundamentalmente, mulheres. Eis sua socialidade, o resto é acessório e – como nos dão a entender – não conta”. GUILLAUMIN, Colete. *Prática do poder e ideia de natureza*, p. 29.

²⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

²⁷ “O próprio caráter público desse apoderamento, o fato de ele revestir-se aos olhos de muitos, e, em todo o caso, dos homens em seu conjunto, de certo caráter ‘natural’, de quase ‘auto evidência’, é uma dessas expressões cotidianas e violentas da materialidade da apropriação da classe das mulheres pela classe dos homens. Com efeito, o roubo, a espoliação, o desvio, são ocultados, e, para apropriar-se de homens machos, é preciso uma guerra. Não é o caso dos homens fêmeas, quer dizer, as mulheres... Elas já são propriedades. E, quando se fala, a propósito de aqui e acolá, de troca de mulheres, e essa verdade que se exprime, pois o que ‘se troca’ já é possuído; as mulheres já são, anteriormente, propriedade de quem as troca. Quando nasce um bebê macho, ele nasce como futuro sujeito, que terá de vender sua força de trabalho, mas não sua própria materialidade, sua própria individualidade. E, mais ainda, proprietário de si mesmo, ele poderá igualmente adquirir a individualidade material de uma fêmea. E, ademais, irá dispor igualmente da força de trabalho da mesma, que ele usará da maneira que lhe convenha, inclusive demonstrando que não utiliza”. GUILLAUMIN, Colete. *Prática do poder e ideia de natureza*, p. 28, *sic*.



informa sobre a pouca ou nenhuma importância social do trabalho feminino. As moças do rádio trabalhavam quando esse não era o seu destino²⁸ e sua função era treinar o sexo “normalizante”, onde as fêmeas desaparecem:

Constava de dar aulas no rádio [pelas] três moças que trabalhavam, inclusive a minha irmã mais velha. Elas davam aula pelo rádio, elas davam treinamentos aos monitores [...], **eles eram os trabalhadores rurais que eram treinados para ensinar aos outros trabalhadores [...], aqueles que sabiam ler vinham ser treinados aqui.**

A escrita afirma a ausência das mulheres, apagadas pela norma do masculino totalizante que se expressa na linguagem. Apenas os lapsos da memória coletiva ou

²⁸ “Sendo o trabalho o momento privilegiado da práxis por sintetizar as relações dos homens com a natureza e dos homens entre si, constitui a via por excelência através da qual se proceder ao desvendamento da verdadeira posição que as categorias históricas ocupam na totalidade dialética sociedade capitalista e das relações que elas mantêm entre si e com o todo social no qual se referem. Mesmo que, aparentemente, determinado contingente populacional seja marginalizado das relações de produção em virtude de sua raça ou de seu sexo, aqui buscar nas primeiras (relações de produção) a explicação da seleção de caracteres raciais e de sexo para operarem como marcas sociais que permitem hierarquizar, segundo uma escala de valores, os membros de uma sociedade historicamente dada. As invariâncias ou determinações simples, exatamente pelo fato de serem repetitivas, não contêm, em si mesmas, a explicação nem da totalidade na qual se inscrevem, nem das determinações essenciais do sistema social em questão, nem, ainda, do modo de operação de si próprias. Enquanto categorias subalternas, operam segundo as necessidades e conveniências do sistema produtivo de bens e serviços, assumindo diferentes feições de acordo com a fase de desenvolvimento do tipo estrutural da sociedade. Alguns desses caracteres naturais isolados para operar como desvantagem sociais são passíveis de anulação ao longo do tempo. Neste caso, a sociedade acaba por encontrar outros fatores que possam funcionar como marcas sociais e justificar o desprestígio de outros setores demográficos e sua localização na base da pirâmide social. Todavia, determinados caracteres naturais não são passíveis de anulação ou abrandamento, o que facilita seu isolamento para funcionar como desvantagem no processo de competição. Como até o presente nenhuma sociedade de classes extirpou definitivamente esta elaboração social de fatores naturais, operando estes como mecanismo de abrandamento de pensões – de modo conveniente, portanto, à conservação da estrutura de classes –, pode-se pensar na manutenção desses caracteres não passíveis de mudança, que passariam a responder pelas necessidades do sistema de produção de bens e serviços de modo cada vez mais oneroso na medida em que outras categorias de pessoas se fossem libertando de seu ‘handicaps’. A perpetuar-se esta tendência, o sexo operaria como fator de discriminação social enquanto perdurasse o modo de produção baseado na apropriação privada dos meios de produção”. SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Expressão Popular, 2013, pp. 60-1. “A divisão do trabalho não é neutra, mas orientada e assimétrica, mesmo nas sociedades ditas ‘igualitárias’; que não se trata de uma relação de reciprocidade e complementaridade, mas de dominação; que esta dominação se concretiza por meio de elementos objetivos claros e definidos, que é possível apontar constantes gerais e materiais, pode-se dizer, da divisão das tarefas, nas quais as relações de classe entre os dois sexos se exprimem antes de mesmo do que nas definições ideológicas que acompanham as próprias tarefas [...]; que, ao contrário, este caráter de dominação está na própria instituição da divisão de trabalho, por seus elementos de obrigação e de intervenção correlatos à relação entre divisão do trabalho e a obrigação da família e a criação de uma identidade masculina ou feminina sociológica, uma ‘gender identity’ para seres biologicamente machos ou fêmeas [...]; enfim, que tal quadro é necessário analisar a divisão sexual do trabalho como relação política entre os sexos”. TABET, Paola. *Mãos, instrumentos, armas*. In: FERREIRA, Verônica et al (Orgs.). *Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas*. Recife: SOS Corpo, 2014, pp. 107-8.



um detalhe pessoal as resgata, esse momento de imprecisão quando o passado “passado à limpo” surpreende:

Éramos todas mulheres, **a maioria, sempre eram mulheres.** No sábado, era uma festa, [...] era uma mini-avaliação com ciências sociais e com muita música, e sempre homenageando **um cantor** nordestino [...] ou **um poeta** nordestino [...] ou **eles** mesmos, que vinham e ali **eles** falavam tudo o que **eles** queriam, tudo o que **eles** sabiam [...], era uma avaliação das vidas do trabalho e também da alfabetização.

Sabe-se, no conjunto do relato de Nida e nos estudos sobre o MEB (Movimento de Educação de Base), que o modelo didático adotado no ensino à distância no campo não distinguia as tarefas de ensino-aprendizado entre homens e mulheres. Sabe-se, também, pelas mesmas fontes, quando se aprofunda a questão, que essa foi a realidade do MEB: a formação de pessoas adultas de diferentes sexos-gêneros, trabalhadoras e trabalhadores rurais, na maior parte. De modo que Ela se refere no masculino (corretamente na gramática formal) à turma composta por pessoas femininas e masculinas. O fato de a cultura patriarcal e machista estabelecer uma distinção entre homens e mulheres e garantir o lugar do público para os homens e o lugar do privado para as mulheres implica em criar uma imagem “naturalizada” para e pelo próprio leitor de ausência da feminina nos espaços de saber, “normalmente” remetido ao público, “o local adequado para a excelência humana” (ARENDDT, 2000, p. 59). Hannah Arendt enfatiza que o lugar do público é o lugar do comum, não significando o lugar do vulgar. Sim, o lugar de quem é como se deve ser, o lugar do exemplar, do arquétipo dominante. O público é, também, o lugar da aparição, de quem se apresenta porque é visto e de quem fala porque é escutado. É nesse lugar onde a criação e as trocas são possíveis, porque é o espaço da realização metafísica, insubmissa, de dominação da natureza.

Eles vinham muito arrumados, **todos** provando que sabiam ler. Faziam a carta e entregavam à gente... a gente ria muito. Tinha um senhor chamado Seu Manoel da Sementeira, então, ele escreveu a carta e disse: ‘Trouxe aqui a carta’. **Ele** queria me dizer que estava escrevendo....

A aula era mais ou menos isso: ‘**Monitor**, por favor, pegue o giz...’, [dizia isso bem] len-ta-me-nte. Justamente [para] dar tempo de ouvir, apreender, absorver e fazer, porque tá ali [o monitor na sala da comunidade] com um bocado de **aluno**. ‘Pegou **monitor**? Vá ao quadro’. Então, você passava vinte minutos para fazer toda essa... passar para **ele** como **ele** deveria repassar, ‘como’... ‘Escreva a palavra’....



Se as palavras são as coisas, é necessário um processo de abstração capaz de realizar a distinção entre “eles” e “todos” e reencontrar as femininas que cabem nessas expressões, porque “elas” estão aí. Elas estavam na labuta, na roça, nas salas de aula do MEB, provavam que sabiam ler, escreviam cartas à professora, pegavam o giz, iam ao quadro e escreviam a palavra. Antes, arrumavam-se e pintavam a boca com batom vermelho...

Parágrafos finais, “inconclusões”

As mulheres são mais naturais do que os homens. Esse é o seu caráter.²⁹

A tradição de submissão da mulher ao homem e a desigualdade de direitos entre os sexos não podem, contudo, ser vistas isoladamente.³⁰

À mulher é negado seu papel fundamental na construção e na manutenção das sociedades, nos diferentes sistemas econômicos e de subsistência do humano. À linguagem se reservou o lugar preponderante de representação e reprodução desse modelo que nega existência real-social às mulheres.³¹ A primeira relação é núcleo-familiar. Porém, não nasce nessa relação com a genitora e o genitor o apagamento do feminino, a primeira exploração e a primeira opressão, apesar da divisão sexo-social do trabalho já se configurar nesse núcleo primordial. Entendo que é na relação entre as famílias, no desenvolvimento das relações de parentesco, quando se efetiva a troca de mulheres, e por isso o estabelecimento da proibição do incesto, que se instaura e se concretiza a apropriação das mulheres, a incompatibilidade da igualdade na diferença, a naturalização da exclusão e a opressão entre grupos, que depois se ampliará como desigualdade de classes.³² Importa ainda ressaltar que o nascimento do proprietário da força de trabalho requer a transformação do humano em mercadoria, para a troca de bens. Não se pode considerar a origem da luta de

²⁹ GUILLAUMIN, Colete. *Prática do poder e ideia de natureza*, p. 31.

³⁰ SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*, p. 61.

³¹ “Tal visão está presente na quase totalidade dos trabalhos de Ciências Sociais. Sob uma forma ainda mais sofisticada, ela ganha a forma de uma de simetria conceitual na análise, como demonstrou N. C. Mathieus, dissimetria que faz descrever e analisar cada uma das classes de sexo segundo pressupostos teóricos diferentes”. GUILLAUMIN, Colete. *Prática do poder e ideia de natureza*, p. 90.

³² RUBIN, Gaule. “O tráfico de mulheres: notas sobre a ‘economia política’ do sexo”. Recife: SOS Corpo, 1993, *passim*; ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, *passim*.



classes na relação familiar entre os sexos numa época em que o sexo reprodutivo era desconhecido e a materialidade da posse se fazia ao tomar para si a prole. Concordo com Karl Marx quando ele afirma que a classe (as classes em antagonismo) é um produto da burguesia.³³ Assim, o discurso sobre as mulheres tem duas faces apenas quando se pensa abstratamente, porque a materialidade do humano se confunde com o pensamento humano e a participação da fêmea no conjunto social está intrinsecamente relacionada com a participação do macho nesse mesmo lugar. A mulher não é ontológica, mas o que se conta da fêmea humana pode se perpetuar *ad aeternum*.

A narrativa contada neste artigo mistura a oralidade de Nida, entrevistada, e a história feita dessa a partir desse contar-se. Percebe-se que as duas formas de contar das mulheres sobre as mulheres mantêm uma mesma e só estrutura: aquela balizada na “episteme” e forjada na metodologia científica da História Oral.

O pano de fundo deste artigo é a crítica à história dos excluídos que usa as diferentes fontes, desde a documentação até a oralidade, ciente de que esses artefatos são faturados pela abstração humana sobre o “real-material”. Ciente das implicações sociais de buscar esses artefatos pessoais no passado e transformá-los em narrativa do social, o pano de fundo é, também, o objeto da narrativa e a narrativa construída. Ao historiar o “relato de si” de Nida, bem como das outras entrevistadas, objetas de arquivos de fonte e de narrativas, a contadora optou por fazer o resgate da vida dessa mulher e de mulheres que aprenderam a falar de si como *a testemunha do outro sexo*, resultando na farsa da intocável matéria do fato histórico. Ciente da troca das falas das mulheres pelo silêncio dos “homens mulheres” fundado na linguagem que generaliza e apaga, pela dominação do “real-social”, o pano de fundo é a crítica historiográfica.

A Memória de Nida se encontra com a memória das muitas e diversas mulheres agrestinas, nascidas nos sertões dos estados nordestinos e migrantes para as capitais, no exótico século vinte. Trouxeram nas bagagens algumas esperanças e muitas incertezas. Trouxeram as memórias dos exilados dos impérios econômicos. Trouxeram as resistências dos descontentes. Trouxeram destinos desencontrados. Suas vidas se entrelaçaram na capital quando se tornaram militantes de partidos e

³³ MARX, Karl. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007, *passim*.



organizações de esquerda e se posicionaram contra o golpe em marcha nos anos 1960, culminado na ditadura pós-1964, enfrentadas em campos diferentes de luta. Lutaram juntas e juntas negaram a oposição proibida.³⁴ Nida experimentara, antes do exílio, integrar o Movimento de Educação de Base na sua cidade natal e, desde lá, sabia que transformaria o mundo e o encheria de palavras-de-ordem.

No relato de si de Nida são muitos os relatos de *ser-por-aí*. Nota-se a presença marcante de figuras masculinas relevadas pela expressão da norma. Enquanto seu pai e tio têm memórias que se esticam para muito antes dela nascer, sua mãe principia quando começa uma nova família. Assim, outras figuras masculinas preponderam na sua juventude, nos espaços de lazer e no seu ambiente de trabalho. No relato de si de Nida, ela quase naufraga a importância de sua própria vida, porque ela se expressa usando a mesma estrutura discursiva criada para reificá-la. Da mesma forma essas memórias foram historiadas.

Resta questionar o lugar da consciência histórica.

Ao pactuar com o modelo imposto pela academia, a historiadora não se ressentida de ter reproduzido o lugar da feminina no mundo dos homens porque cumpriu com a norma que dita ser fiel às fontes. As fontes são feitas por *homens mulheres* que repetem os discursos construídos pelos “homens homens”. Logo se abre o espaço para a desobediência na ciência.

Para tal, propõe-se uma historiografia fincada no debate pós-colonial, considerando os modos de resistências dos diferentes grupos e minorias políticas, para se construir uma narrativa das ações objetivas e semelhantes, em conflito e confronto com uma conjuntura comum de exploração e expropriação que nega os modelos próprios de alteridade do pensamento resistente e as identidades autônomas. Mais que uma crítica ao pensamento masculino branco, fundamentado no tempo não dialético e na linear hierarquia de “sujeitos antagônicos”, a historiografia que se propõe considera a própria existência (sobrevivência) das minorias política – neste trabalho, mais especificamente, “as mulheres” –, apesar

³⁴ Esta afirmação de pertencimento da indivíduo Nida num grupo de sujeitas é possível pelo conhecimento das suas histórias a partir das fontes orais, tanto das entrevistas operadas para a pesquisa da tese *Resistência cor de rosa-choque*, citada, como as entrevistas usadas do Arquivo de História Oral da FUNDAJ, referências da Tese.



dos silenciamentos das fontes. Esta historiografia proposta recusa a feminina como “o outro” no conflito, porque a sua forma de ação (no sentido positivo, não negativo de “reação”) tem razão numa práxis desconhecida do pensamento fundamentado no patriarcado. Uma narrativa que descreva as ações das pessoas femininas precisa se lastrar na vida, naquilo em que o pensamento foucaultiano se aproxima, uma biopolítica para “o governo das pessoas vivas”³⁵ (FOUCAULT, 2011; 2018): é preciso narrar a vivência.

Crucial é unir a história ao movimento de(s)colonial amplo para que contemos nossa vitória sobre todas as tentativas de aniquilação das diversas e legítimas existências das mulheres e das pessoas femininas. Não somos “o outro” desigual. Somos “as outras” porque acreditamos na diferença como um direito. Isso é possível porque as palavras não são as coisas... sim, uma vontade idealizada das nossas ações. Elas são nossos desejos. E os desejos são outra história.

Data de submissão: 01/02/2022

Data de aceite: 14/11/2022

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- BANDEIRA, Andréa. “Sob o ‘clic’ do passado: construção da imagem e fotografia da feminina para a história”. In: **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, Vol. 10, Ano X, n. 2, julho-dezembro de 2013, 21pp. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/vol132-a07.php>.
- BANDEIRA, Andréa. “O ‘eu-herói’ versus o ‘outro-herói’: o gênero da memória e da história”. In: **Historien Revista Acadêmica**, n 7, ano IV, mai-nov.2012, pp. 165-191. Disponível em: <http://www.revistahistorien.com>.
- _____. **Resistência cor-de-rosa-choque: militância feminina no Recife, nos anos 1960**. Tese de Doutorado. História. Salvador: UFBA, 2012.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**. Lima: Paidós, 2019.
- _____. **El género em disputa: el feminismo y la subversión de la identidad**. Lima: Paidós, 2018.
- DELPHY, Christine. “O inimigo principal: a economia política do patriarcado”. In: **SciELO**. Disponível em: www.scielo.br/pdf/rbcpol/n17/0103-3352-rbcpol-17-00099.pdf.

³⁵ FOUCAULT, Michel. *Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-80* (excertos). Organização de Nildo Avelino. São Paulo/Rio de Janeiro: Centro de cultura social/Achiamé, 2011, *passim*; FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. Lisboa: Edições 70, 2018, *passim*.



DIARIO DE PERNAMBUCO. **Jornal**. Recife: FUNDAJ, 03 de abril de 1952 (Acervo digital).

FERREIRA, Verônica et al (Orgs.). **Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Lisboa: Edições 70, 2018.

_____. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France, 1979-80 (excertos)**. São Paulo/Rio de Janeiro: Centro de cultura social/Achiamé, 2011.

GUILLAUMIN, Colete. “Prática do poder e ideia de natureza”. In: FERREIRA, Verônica et al (Orgs.). **Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, 2014.

LUGONES, María. “Colonialidad y Género, hacia um feminismo descolonial”. In: MIGNOLO, Walter D (Compilador). **Gênero y descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2014.

_____. Rumo a um feminismo descolonial. In: **Revistas Estudos Feministas**. Florianópolis. 22(3): 320, setembro-dezembro/2014b, pp. 935-952. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>.

MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

MIGNOLO, Walter D. “Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, 2017, pp. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: UNICAMP, 2013.

RIDENTI, Marcelo. “Cultura e Política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp. 133-166.

RUBIN, Gaule. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SCOTT, Joan. **Gênero, uma categoria útil para análise histórica**. Recife, SOS Corpo, 1991.

TABET, Paola. “Mãos, instrumentos, armas”. In: FERREIRA, Verônica et al (Orgs.). **Patriarcado desvendado: teorias de três feministas materialistas**. Recife: SOS Corpo, 2014.

WITTIG, Monique. “El pensamiento heterossexual”. In: _____. **El pensamiento heterossexual y otros ensayos**. [s.l.]. 2006. Disponível em: <https://kolectivoporoto.cl/wp-content/uploads/2015/11/Wittig-Monique-El-Pensamiento-Heterossexual.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2022.

